

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT17.010

ENSINO DE FILOSOFIA: A PEDAGOGIA DA PERGUNTA E O FILOSOFAR

LUCIMERY BARBOZA FREITAS

Mestranda em Filosofia pelo PPG PROF-FILO, núcleo UFCG. Professora da SEEC/PB. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4646956353522420>. E-mail lucimerybarboza@gmail.com

LIDIANE BRITO DO NASCIMENTO

Mestranda em Filosofia pelo PPG PROF-FILO, núcleo UFCG. Professora da SEEC/RN. Membro do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar e do GT Filosofia e Gênero, ambos vinculados à ANPOF. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2939975920137594>. coautor: lidianevaiagrecia@email.com

DR. VALMIR PEREIRA

Doutor em Educação. Professor da graduação e da pós-graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Coordenador do Curso de Especialização em Filosofia da Educação, Líder do Núcleo de Pesquisa em Filosofia UEPB/CNPq e membro do Travassias - Grupo de Pesquisa em Filosofia e Educação Antirracista - UFPB. Fundador e Editor da Revista LibertAção, vinculada ao Núcleo de Pesquisa sob sua liderança. Professor do Mestrado Profissional, PROF-FILO, no núcleo da UFCG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0452-5694> - E-Mail: valmir@servidor.uepb.edu.br

RESUMO

O artigo surgiu durante as aulas do componente curricular Laboratório de Filosofia, ofertado no Mestrado Profissional em Filosofia, PROF-FILO - UFCG, ministrado pelo Prof. Dr. Antônio Gomes da Silva, que nos possibilitou o movimento do pensamento, nos instigando a reflexão sobre o ensino de filosofia e suas questões práticas do Ensino. Para pensar o ensino de filosofia nos debruçaremos sobre a obra Por uma pedagogia de pergunta (FREIRE,1985). Trata-se de um diálogo do pensador Paulo Freire com o filósofo Chileno Antonio Faudez, acerca da educação, levando em conta as ideologias e práticas de ensino e suas conjunturas do movimento de análise, reflexão do pensamento e discussão. Na relação entre escola concreta em movimento e a leitura da obra nos deparamos com as seguintes perguntas: É possível ensinar filosofia? Qual é o papel da pergunta e da resposta em sala de aula? Como o método de Paulo Freire dialoga com o Ensino de filosofia? Buscando fazer a reflexão sobre a pergunta de sala de aula, não como um jogo de palavras, mas que através dessa pergunta nos possibilitaria o filosofar. A esse respeito, Paulo Freire nos possibilita pensar a pergunta através das três etapas do método de investigação, tematização e problematização. Por fim,

esse estudo concluiu o ensinar filosofia está permeado pelas perguntas e respostas que ocorrem no chão da escola, dialogando com a realidade, por meio da escuta e da fala no exercício do filosofar, entre docentes e discentes num fenômeno chamado aula.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia, filosofar, pedagogia da pergunta

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este texto é resultado das inquietações surgidas durante as aulas do componente curricular laboratório de Filosofia, no curso de Mestrado Profissional em Filosofia, PROF-FILO - UFCG, ministrado pelo Prof. Antônio Gomes da Silva. O contexto dessas aulas e as relações que fazemos com nosso cotidiano na escola, possibilitou o movimento da experiência do pensamento, nos levando a perguntas de cunho filosófico, tendo como intuito metodológico a sua aplicabilidade, seu método no Ensino de Filosofia. A base para essa condição está fundamentada nas discussões que constantemente nos deparamos no ambiente escolar com o/as estudantes reais, trazendo a luz os problemas socioculturais, políticos e suas perspectiva.

Quando tratamos do ensino de filosofia no ensino básico no Brasil, nos remetemos a sua história. Marcada por inclusão e exclusão do currículo básico, a partir de 2 de junho de 2008 sob a Lei nº 11.684, que altera o artigo 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, da qual incluem e torna obrigatório tanto o ensino de Filosofia, como o de sociologia, como componentes curriculares no ensino básico e até o presente momento segue no currículo, mas ainda assim com momentos tenebrosos.

Porém, a discussão não estará fundamentada na história do Ensino de Filosofia no ensino básico, pois nos propomos a pensar como a prática docente no ensino básico nos leva a problematizar filosoficamente, a pensarmos entre tantas questões, se é possível ensinar filosofia, e sendo, quais suas possíveis metodologias.

Nesse sentido, não podemos deixar de fora a conjuntura do movimento de análise, de reflexão do pensamento e de discussão, fundamentais para o desenvolvimento desse processo. Assim, torna-se inevitável a reflexão: É possível ensinar filosofia? Qual é o papel da pergunta e da resposta em sala de aula? Como o método de Paulo Freire dialoga com o Ensino de filosofia?

Na busca de respostas para essas perguntas, que brotam do chão da escola, apresentaremos a **pedagogia da pergunta**, como método de ensino e aprendizagem na Filosofia, tendo a pergunta como a mola mestra, que nos possibilita dialogar com os/as estudantes.

Esse artigo pretende pensar o ensino de filosofia na educação básica a partir do pensamento de Paulo Freire (1921-1997), escrito na década de 1980, buscando no método daquele autor pernambucano, as condições para desenvolver a

dialogicidade que problematiza a realidade social da classe popular, levando em conta a vocação para a humanização, diálogo e crítica. Portanto, trata-se de educandos e educadores investigando e problematizando a educação. Nesse caso, o próprio Freire, por meio de seu texto, irá nos conduzir a análise do movimento de prática e ação. Assim, o Ensino de Filosofia busca pensar junto aos estudantes a sua realidade, problematizando-a através da argumentação.

Na sequência iremos nos debruçar sobre o diálogo Freiriano na obra *Por uma pedagogia da pergunta*, publicada em 1985. Essa obra foi escrita por Paulo Régis Neves Freire, educador brasileiro e nordestino, tendo a sua naturalidade em Recife, no Estado Pernambucano, em conjunto com filósofo Chileno Antonio Faundez. No diálogo mencionado, os autores relatam suas experiências ocorridas em seus países de origem, buscando compreender o papel do diálogo e a prática em sala de aula.

Assim, tendo como problemática a realidade dos/as estudantes, oriundos da escola pública, da precariedade de muitas escolas, de uma realidade marginalizada, muitos estudantes são assistidos pelos programas de políticas públicas para se manterem no ambiente escolar. É nesse cenário e contexto que iremos pensar o Ensino de Filosofia na educação básica, buscando pensar a partir e com o método freiriano, por meio da dialogicidade que nos leva a refletir sobre um conjunto de princípios para uma educação libertadora, que se encontra permanentemente no movimento de criar e recriar (Freire, 1985, p.16).

No caso da pergunta e da resposta, não se trata apenas de perguntar por perguntar, mas de perceber qual é o movimento que essa pergunta faz, afetando aqueles ou aquelas que estão participando da experiência do pensamento. Porém, através desse processo “a argumentação é algo imprescindível à construção do conhecimento. Ela consiste em um modo de organização de raciocínios com o objetivo de evidenciar ou contradizer uma proposição” (Japiassú; Marcondes, 2001).

Essa condição nos possibilita vivenciar o movimento de criar e recriar levando em conta que na sala de aula, enquanto professores, iremos nos deparar com a multiplicidade de saberes, que a cada questionamento faz surgir um novo mundo de possibilidades, de criar e recriar em sala de aula, de temas para se pensar o conceito filosófico.

Pelo exposto até aqui, salientamos que esse artigo se justifica pela possibilidade do uso do método da *pedagogia da pergunta* no ensino básico, mais especificamente na sua última etapa, o Ensino Médio, para pensar o método

freiriano da pedagogia da pergunta e o filosofar em sala de aula, cujo objetivo é dialogar com os estudantes por meio desse método.

Nessa perspectiva, ao fazermos o movimento da experiência com o pensamento filosófico, no sentido do ensinar e aprender, entendemos que o fenômeno acontece de forma simultânea entre docentes e estudantes, pois ambos estão no processo de busca pelo conhecimento, levando em conta seus posicionamentos vivenciais, culturais e políticos aos quais estamos inseridos.

Gostaríamos de destacar alguns pontos na nossa discussão, sobre os termos que ao longo do artigo iremos mencionar. Entre muitas cartas enviadas a Paulo Freire durante o exílio, foi questionando o porquê de ele não usar em suas obras os gêneros “a” e “o”, uma vez que, a maioria de seus leitores eram mulheres e só posteriormente ele começa a utilizar em suas obras ambos os gêneros, dos quais nós preferimos também utilizar fazendo jus a discussão de gênero e ao epistemicídio ocorrido em nossa história.

Outro termo é educando/a e docente, e aluno e aluna por estudante. Freire na obra *Por uma pedagogia da pergunta*, utiliza o termo professor e professora. Em certos momentos do nosso texto utilizamos docente, do qual preferencialmente tratamos de professore e professoras atualmente, a nossa perspectiva não é de diferenciar os termos, mas para soar inclusiva a qualquer docente, fugindo da polaridade heteronormativa dos termos, incluído possibilidade outras de gêneros.

METOLOGIA

Para a realização deste artigo, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica da obra *Por uma pedagogia de pergunta* (1985) do autor Paulo Freire e o filósofo Chileno Antonio Faudez, buscando refletir sobre a aplicabilidade da pergunta como mola mestra no ensino e aprendizagem de forma metodológica no ensino de filosofia no ensino básico.

Além disso, a pergunta e a resposta nos influenciam na perspectiva do movimento do pensamento, cria e ressignifica a pergunta de cunho filosófico e o Ensino de Filosofia, mais propriamente ao movimento da experiência do pensamento filosófico, nós utilizaremos seus conceitos e ideias a pensar, refletir e discutir a escola real e a pergunta como possibilidade metodológica de ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O MÉTODO DE FREIRIANO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Discutiremos nessa seção o método freiriano na obra, *Por uma pedagogia da pergunta*, (1985) como experiência do pensamento, levando em conta a importância da dialogicidade na educação básica.

A obra *por uma pedagogia da pergunta* é posta exatamente com uma estrutura de diálogo entre Freire e Faundez, a qual discutem suas vivências e experiências sobre tudo na suas aprendizagem e seu ensino. Entre suas vivências e reflexões defendem um ensino de filosofia como prática e concreta, baseadas em problemas e não em sistemas filosóficos como defendem

Eu diria que estudávamos filosofia para resolver problemas e não para aprender sistemas. E como isso se manifestava concretamente? Posso falar, por exemplo, de nossa concepção de pesquisa, para nós, não significava fazer uma metafísica da metafísica; era antes compreender como as idéias se concretizam na mente e na ação de um povo culturalmente dependente, como é o povo chileno, e sobretudo em nível de estratos sociais (Freire; Faundez, 1985, p. 10)

O pensador Paulo Freire, é um grande crítico do método tradicional de ensino e aprendizagem, que ele denominou de *educação bancária*, indicando que nesse processo os/as estudantes são passivos, sendo meros depósitos no sentido de receber conteúdos, e o professor tem como papel principal ser conteudista, transmitindo o maior número de conteúdos possíveis, sem que haja a preocupação de realizar análise e reflexão sobre a sua própria condição humana, sociocultural, política e ideológica.

Observa-se a figura do/a educador/a ou professor/a no centro como detentor/a do conhecimento, aquele que detinha o saber, e os/as estudantes como aqueles/as que não possuíam nenhum saber. O educador é aquele que educa, mas que ao mesmo tempo sabe que ambos vivenciam o processo, como podemos observar a seguir, em (Freire, 1975, p. 78).

O educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que, ao ser educado, também educa. Ambos assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem

juntos e em que os argumentos da autoridade já não valem [...]. Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis, que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador, que os descreve ou os deposita nos educandos passivos.

Segundo Paulo Freire, o educador é aquele que possibilitará a mediação entre o mundo e o sujeito, promovendo o diálogo e a reflexão sobre o meio em que está inserido, para que ele seja capaz de problematizar a sua própria realidade e vivenciar através da experiência do aprender aprendendo.

Assim, há uma necessidade metodológica de idealizar um método que represente o movimento da pergunta como mola mestra para discussões, criando e recriando maneiras de aflorar nos estudantes a curiosidade. Para tanto, partiremos dos pressupostos que estão dados na realidade estudantil, dos jovens da escola pública em meio as margens da sociedade, sua relação sociocultural, política e ideológica, levando em conta o contexto em que vivem. Mas será que só a curiosidade garante aos estudantes problematizar a partir da sua própria realidade?

Ao problematizar o ensino e a aprendizagem nos deparamos com a curiosidade dos estudantes diante do seu processo e a práxis do cotidiano e suas inquietações que nos fazem pensar na dialogicidade que é proposta como método, **criando e recriando** (o conceito de criar e recriar é muito utilizado por outros autores e filósofos como Deleuze e Silvio Gallo) o ensino e aprendizagem de forma dinâmica.

Nessa perspectiva, Paulo Freire deixa evidenciado em sua obra **por uma pedagogia da pergunta** que não tem o intuito de trazer, uma receita pronta e acabada, porém nos apresenta princípios, aos quais indica condições para realizar caminhos. Por isso, podemos observar na fala dos autores, sobre a intelectualidade, partindo da ação cotidiana em que (Freire; Faundez, 1985, p. 21) afirmam que:

Penso que o intelectual tem de percorrer o caminho inverso: partir da realidade da ação cotidiana, do povo e de nós mesmos, pois nós estamos inversos numa cotidianeidade, refletir sobre essa ação cotidiana e, então, ir criando ideias para compreendê-las. E essas ideias já não serão mais ideias – modelo, serão ideias que irão se fazendo com a realidade.

Os autores em tela, trazem a percepção intelectual como sujeitos que percorrem caminhos inversos, deixando evidenciar a cultura, as etnias, os outros aspectos,

respeitando as diferenças, apreendendo a apreender com a diversidade de ideias e pensamentos, que constituem o sujeito ativo, na busca pela análise, questionando, problematizando a pergunta que foi lançada em sala aula.

Esse percurso metodológico vai fazendo com que o professor encontre respostas que naturalmente podem não satisfazer a inquietação do estudante. A esse respeito, segundo Freire, quando ocorrer a pergunta que não se encontra a resposta de forma pronta, é vista de uma forma positiva, porque tanto o professor quanto o estudante estão no processo de conhecimento, apreendendo a apreender juntos, fortalecendo os laços entre professor/a e estudante.

Compreendemos que o método da pedagogia da pergunta tem um papel relevante no âmbito escolar e se apresenta na estrutura por meio da investigação, tematização e problematização. Assim, o ensino de Filosofia problematiza a realidade do estudante, desperta a curiosidade, a análise do pensamento crítico e reflexivo, através tanto da argumentação quanto da pergunta como mola mestra.

Entretanto, na contemporaneidade nos deparamos com o imediatismo do *google* nas redes sociais, e outros meios da tecnologia, enquanto professor/a nos deparamos com perguntas e respostas prontas e acabadas, as quais não fazem o caminho da análise, da reflexão e da problematização para se chegar a uma suposta resposta. A forma imediata a qual o estudante do ensino médio tem como uma verdade, sem que se realize o movimento do pensamento, a necessidade do aprender e ensinar a perguntar, precisa ser preparado para compreender que há diferenças entre informação, conhecimento e sabedoria.

Como podemos observar abaixo, nos dizeres de (Freire, Faundez, 1985, p. 25):

[...] um educador que não castra a curiosidade do educando, que se insere no movimento interno do ato de conhecer, jamais desrespeita pergunta alguma. Porque, mesmo quando a pergunta para ele, possa parecer ingênua, mal formulada, nem sempre é para quem a fez. Em tal caso, o papel do educador, longe de ser o de ironizar o educando, é ajudá-lo a refazer, fazendo melhor a pergunta.

Segundo Freire e Faundez, o educador deve ter a consciência de não ironizar a pergunta do estudante mesmo que ela não esteja bem elaborada, o papel do professor/a é ser um mediador para que o estudante analise a pergunta por meio do diálogo, dando argumentos que possibilitem a compreensão e a reestruturação da pergunta. Essa perspectiva metodológica se diferencia da educação

bancária em que o/a professor/a detentor/a do saber, pela dialogicidade a um compartilhamento de saberes em que ambos apreendem juntos através do diálogo da interculturalidade.

Posto isto, iremos dialogar sobre a questão que está posta no texto acima, buscando refletir sobre o que é o método em Paulo Freire. Ao longo de seu percurso como educador ele deixa evidente a preocupação de escrever obras que retratassem o olhar humanizador sobre a educação. Na cidade de Angicos, que está localizada no estado do Rio Grande do Norte, Paulo Freire se tornou conhecido nacionalmente entre 1963 e 1964 por desenvolver o método que possibilitou alfabetizar 300 trabalhadores rurais em 45 dias, tendo como seu público, trabalhadores rurais adultos.

Colocando em ação um método utilizando palavras que estão no cotidiano daquelas pessoas e que posteriormente eram intituladas de palavras geradoras. Essas palavras traziam para o estudante a ideia de pertencimento através do conhecimento que parte do pressuposto que vem da própria realidade social, política e econômica da população.

Como o próprio Paulo Freire afirma em *por uma pedagogia da pergunta*, o método não é um modelo, pois podemos dizer que se deu a partir de um conjunto de valores. Freire evidencia o método como desenvolvimento metodológico, ao qual não nos apresenta uma receita a seguir, mas elementos para os quais nos possibilitam ir além do que está posto no meio educacional.

Segundo o Filósofo Faundez, no diálogo com Paulo Freire, ele diz o seguinte: "acho que isso pode ser aplicado, inclusive, ao que se mal interpreta como o seu "Método", porque no fundo muitos pensam que seu método é um modelo!" (Freire, Faundez, 1985, p. 21).

No método em Freire, durante o diálogo, podemos perceber em sua fala que não é modelo, ou uma cartilha com o passo a passo a ser seguido, trazendo a forma de educar, como podemos observar na fala de Faundez. Ele afirma que o método é uma espécie de provocação aos intelectuais e à realidade para que eles o recriem, a fim de traduzir os princípios metodológicos a serem seguidos na sala de aula ao nos depararmos com turmas plurais em que o professor/a busca partir do concreto e imediato do estudante.

Com o intuito de promover uma dialogicidade e problematizar, buscando realizar com os estudantes, a experiência do pensamento que se deu-se a partir do movimento do criar e recriar, que é um dos três princípios do método Freiriano, cuja estrutura se articula pela investigação, tematização e problematização.

Entretanto, o ensino de Filosofia está atrelado a realidade do estudante. Na perspectiva do ensino não está vinculado a **educação bancária**, como já mencionado por Paulo Freire, mas de forma construtiva, fazendo a sua reflexão de autonomia e a reflexão crítica, buscando levar em conta a realidade sociocultural, política, ideológica e antropológica em que os estudantes estão inseridos.

Compreendemos que o método Freiriano tem uma relação muito próxima com o Ensino de Filosofia, pois buscam dialogar com o método, aproximar o conhecimento epistemológico do sujeito, estreitando a distância da relação professor e estudante. Para o ensino de Filosofia a pergunta é a mola mestra para instigar a curiosidade dos estudantes possibilitando a dialogicidade, reflexão e argumentação de ideias, fazendo com que o movimento do pensamento aconteça na respectiva de prática e ação, tendo como intuito não apenas repetir teorias, mas buscando analisar, problematizar e argumentar.

Nesse sentido, nos deparamos quando estudantes, professores, sociedade, com a pedagogia da pergunta em vários contextos sociais, políticos e ideológicos. Mas qual é o papel da pergunta? como se pode notar, durante a obra **por uma pedagogia da pergunta** é que o pensador pernambucano nos faz questionar a nós próprios, nos deixando inquietos em busca de uma resposta.

Para o ensino de Filosofia, o ato da pergunta é de extrema relevância, pois podemos compreender que a pergunta, no sentido do diálogo, nos impulsiona a buscar o conhecimento, utilizando a bagagem intelectual ofertada durante o processo de ensino e aprendizagem, ou seja, dos pressupostos, analisando o passado e se projetando para o futuro.

A proposta do texto, não é sugerir um modelo de pergunta universal que seja capaz do estudante filosofar. Mas de instigar a perguntas na sala de aula, tendo como intuito o filosofar.

Como podemos observar em (Chauí, 200, p.12):

[...] perguntar **o que** a coisa, ou o valor, ou a ideia, é. A Filosofia pergunta qual é a realidade ou natureza e qual é a significação de alguma coisa, não importa qual; perguntar **como** a coisa, a ideia ou o valor, é. A Filosofia indaga qual é a estrutura e quais são as relações que constituem uma coisa, uma ideia ou um valor; perguntar **por que** a coisa, a ideia ou o valor, existe e é como é. A Filosofia pergunta pela origem ou pela causa de uma coisa, de uma ideia, de um valor.

Segundo Marilena Chauí, a Filosofia faz esse movimento da pergunta partindo do conceito de algo em busca de respostas. Porém, para a mesma pergunta irão surgir diversas respostas respeitando o movimento do pensamento ao qual o estudante está participando de forma ativa, se inquietando e se sentindo provocado pelas indagações filosóficas: o que, como e por que, fazendo uma reflexão da realidade.

A epistemologia tem o intuito de conduzir ao questionamento e ao conhecimento filosófico. Poderemos nos questionar enquanto formação humana qual é o tipo de conhecimento que possui o resultado pronto e acabado? A Filosofia nos possibilita dialogar com diversos saberes e filosofias realizando diferentes reflexões ao longo do tempo, refletindo sobre questionamentos que constituem o humano ao longo da vida, mas não com o objetivo de apresentar respostas.

Pelo contrário, abrindo um mundo de diversas possibilidades através de sua visão crítica, tendo como intuito buscar novos caminhos para refletir sobre o meio em que está inserido, a partir dos diversos debates, dos círculos de cultura aos quais professores e estudantes participam, ampliando o diálogo filosófico. Porém, é necessário instigar a curiosidade do estudante, motivando a busca da resposta, gerando diversas reflexões para compreensão da realidade.

Com essa compreensão, faremos a junção da pedagogia da pergunta em Paulo Freire com o filosofar, que segundo Aspís (2004) remetendo-se ao pensar kantiano, nos diz que não é possível ensinarmos a filosofia, porém, ensinarmos a filosofar. Mas em que consiste o filosofar? Na tentativa de responder à questão levantada, é esclarecido que “o ato de filosofar, por sua vez, seria composto de passos conscientes na análise e crítica dos sistemas filosóficos, exercitando o talento da razão, investigando seus princípios em tentativas filosóficas já existentes (Aspís, 2004, p. 37).

Mas como e quando a inquietação que se desperta no estudante, a partir do movimento de análise crítica e reflexão do sistema filosófico, o filosofar transcende os muros da escola, vai além da sala de aula, realizando a experiência do pensamento através da pergunta filosófica. É nessa perspectiva que podemos observar a partir da citação de (Obiols, 2002, p. 77).

[...] aprender a filosofar só pode ser feito estabelecendo um diálogo crítico com a filosofia. Do que resulta que se aprende a filosofar aprendendo filosofia de um modo crítico, quer dizer, que o desenvolvimento dos talentos filosóficos de cada um se realiza pondo-os à prova na atividade de

compreender e criticar com a maior seriedade a filosofia do passado ou do presente.

Para se filosofar, segundo o autor acima, só ocorre se tiver estabelecido um diálogo crítico com a filosofia, ao passo que para o Freire (1992, p.118), “aprender e ensinar só se tornam verdadeiramente possíveis quando o pensamento crítico, inquieto, do educador não freia a capacidade de criticamente também pensar ou começar a pensar do educando [...]”.

Assim, o diálogo não pode ser responsabilizado pelo uso distorcido que dele se faça. Por sua pura imitação ou por sua caricatura. O diálogo não pode se converter num “bate-papo” desobrigado que marche ao gosto do acaso entre professor/a e educandos.

Como podemos observar na fala de Freire, em sua obra: *Pedagogia da doprimido* “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, ele nos ensina a pensar com deslumbramento de novos horizontes ético e epistêmico de construção de conhecimento que domina ou oprime o ser.

Freire rememora a linguagem utilizada em cartas as feministas – norte americanas que levaram a refletir a cerca da linguagem sexista que utilizava para a construção de uma educação libertadora. No exercício dialógico, não sem resistências, reviu seu modo de escrita reconhecendo que a linguagem expressa na cultura e comunica os sentidos da ética que perpassa as relações humanas.

Podemos compreender que na perspectiva de superioridade/inferioridade revela o racismo epistêmico que o conhecimento produzido pelos brancos são qualificados como científico, objetivo e racional. A colonialidade do saber, não apenas estabelece o eurocentrismo como perspectiva única de conhecimento, mas também descarta as outras formas de vida e de produção intelectual. A partir desse contexto, buscamos questionar esse olhar do colonizador que inferioriza, revelando o racismo, refletir sobre essas questões na sala de aula e também mostrar outras possibilidades de saberes.

As relações de poder ficam em evidencia na produção do colonizador que se inseriu de forma hegemônica no meio da produção filosófica por meio das relações e suas áreas de conhecimento (Giselle, 2019,p.06). No processo de colonização é comum a ambiguidade de movimento de saberes por meio da violência colonial, promovendo, também, epistemicídios, ou seja, assassinando, negando a produção

de conhecimento de determinados povos, no caso brasileiro, o negro e indígena (Giselle, p. 07).

De acordo com Paulo Freire, o objetivo da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento, necessário na luta por sua libertação em que esta pedagogia se fará e se re fará (Giselle, 2019). Mas como aprender com um processo de libertação? Para Freire,

[...] tem que ser forjada com ele e não para ele, enquanto homem ou povos, na luta incessante de recuperação da humanidade. Pedagogia que faça da opressão e suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e re fará (Freire, 1987, p. 32).

Segundo Paulo Freire, ser humano no processo do filosofar, “ler o mundo”, o processo de desenvolvimento sócio-político contemporâneo, que é notória a crescente expansão do capital, em sua lógica em que oprime e exclue, teria convocado a filosofia, como outras áreas de conhecimento, a expressarem suas forças de resistência e de inovação, com capacidade questionadora e no movimento de compreensão do mundo, por uma ótica diferente da utopia, mais por um movimento de real.

3 AS TRÊS ETAPAS DO MÉTODO EM PAULO FREIRE.

Neste tópico apresentaremos o método de Paulo Freire, que como podemos observar na fala de Feitosa (1999) a proposta pedagógica de Freire pode ser dividida em três etapas principais: Investigação, tematização e problematização.

1ª etapa: Investigação; para Freire seria o contato com a realidade estudantil, levando em conta o vocabulário dos estudantes, para a partir do contexto sociocultural, político, religiosa, desenvolvido no primeiro contato com os estudantes, possibilitaria identificar palavras geradoras de temas comuns a comunidade.

[...]o estudo da realidade não se limita à simples coleta de dados e fatos, mas deve, acima de tudo, perceber como o educando sente sua própria realidade superando a simples constatação dos fatos; isso numa atitude de constante investigação dessa realidade. Esse mergulho na vida do educando fará o educador emergir com um conhecimento maior de seu grupo-classe, tendo condições de interagir no processo ajudando-o a

definir seu ponto de partida que irá traduzir-se no tema gerador geral (Feitosa, 1999, p.52,53).

Segundo Feitosa, a realidade estudantil não se limita apenas em uma coleta de dados, mas devemos nos ater a investigação de forma constante com a realidade que o sujeito vivencia. Enquanto educadores temos a possibilidade de ir além da palavra geradora, encontrando temas que promovam o diálogo entre professor e estudantes a partir da sua realidade.

Para o Ensino de Filosofia, o processo de investigação consiste na realização da pergunta como mola mestra para compreender o sujeito em si e para si, levando em conta a realidade do estudante e o movimento de pensamento.

2ª etapa: Tematização; o surgimento do tema gerador possibilitando a abertura de uma discussão, levando em conta a realidade do estudante. Em seguida, um círculo cultural expõe através de desenhos, fotos e figuras as quais tem o papel de representar o meio social.

Conforme Feitosa (1999, p.53) “[...] através do tema gerador geral é possível avançar para além do limite de conhecimento que os educandos têm de sua própria realidade, podendo assim melhor compreendê-la a fim de poder nela intervir criticamente”.

Segundo a autora, o educador busca desenvolver no estudante a criticidade, diante da conjuntura cultural, política e social para compreendê-la e intervir de forma crítica diante da realidade que se apresenta.

Para o Ensino de Filosofia, a tematização tem papel de grande relevância para possibilitar a interação entre aluno (a) e professor (a) a partir do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, de forma crítica e criativa, fazendo o movimento de criar e recriar, propondo-se através do diálogo, culminando com a discussão do sujeito e do meio em que estão inseridos.

3ª etapa: A problematização; possibilitará ao estudante desenvolver uma visão crítica e criativa, levando em conta o meio ao qual está inserido, não se limitando apenas ao meio, mas em sua capacidade de mudança da sua visão de mundo, transformando sua própria realidade enquanto sujeito ativo em desenvolvimento, ação e reação. Assim, “a problematização nasce da consciência que os homens adquirem de si mesmos, que sabem pouco a seu próprio respeito. Esse pouco saber, faz com que os homens se transformem e se ponham a si mesmos como problemas” (JORGE, 1981, p.78).

Entretanto, o autor (JORGE, 1981, p78) nos afirma que a problematização nasce da consciência de si mesmo, buscando conhecer mais a seu próprio respeito, como um meio de transformação do sujeito enquanto ser social e político. Para o Ensino de Filosofia, enquanto professores em sala de aula, problematizamos a realidade estudantil, levando em conta a localidade, o vocabulário dos estudantes, buscando realizar o movimento de criar e recriar argumentos, tendo como intuito despertar a curiosidade como também realizar o movimento do pensamento.

Durante a obra *por uma pedagogia da pergunta*, Paulo Freire nos apresenta a importância do questionamento como caminhos que aproximam o educador dos estudantes por meio da problematização do cotidiano. Como podemos compreender na citação a seguir.

“velho ou moço, gordo ou magro, não importa de que cor, o corpo consciente, que olha as estrelas, é o corpo que escreve, é o corpo que fala, é o corpo que luta, é o corpo que ama, que odeia, é o corpo que sofre, é o corpo que morre, é o corpo que vive! (p. 41).”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *por uma pedagogia da pergunta* nos possibilitou, pensar o Ensino de Filosofia pela ótica Freiriana, por meio do método, no qual o autor afirma que não é modelo pronto e acabado, mas que apresenta possibilidades de dialogar com os estudantes, levando em conta as suas origens, e o lugar de pertencimento, partindo do concreto e mediato para criar e recriar, fazendo o uso da dialogicidade para pensar, argumentar e problematizar. É nessa perspectiva que o método em questão, tem como intuito as perguntas como molas mestras para a discussão que faça sentido no cotidiano do estudante, levando em consideração a adversidade de pensamentos de suas etnias, dialogicidade.

Buscando pensar a educação básica a partir das suas conjunturas sociocultural, política e ideológica em que os estudantes estão inseridos, no contexto de escola pública a qual muitos são oriundos de programas sociais, a dialogicidade nos possibilitará ocupar o mesmo espaço, dialogando, refletindo criticamente sobre o meio em que vivem, a partir da análise, reflexão e desenvolvimento do pensamento crítico e criativo.

Este texto não tinha como intuito apresentar uma solução pronta e acabada nem uma pergunta universal para se ensinar Filosofia. Mas sim, dialogar

com docentes e estudantes, em busca de compreenderem o apreender aprendendo como a prática e ação, refletindo sobre educação humanizadora, libertadora pensando a de sala aula como espaço plural e pluriversal capaz de ressignificar realidades, provocando o estudante a refletir sobre si e para si.

Paulo Freire nos apresenta o método da pergunta em constante processo do criar e recriar, ressignificando a pergunta. Antes de aplicar deve-se em primeiro lugar convenhecer os individuos a participar do processo de ensino e aprendizagem, e não se isolar, mas trocar conhecimentos, pois o estudante é participante do processo da sua cultura e das diversidades culturais sem abdicar dos seus costumes, religião e suas “cotidianeidades emprestadaa”, respeitando o diferente e aprendendo a conviver.

Assim, o professor transmite o conhecimento intelectual sem anular o conhecimento popular. Pois compreendemos que se faz necessário que o educando, deverá realizar os dois conhecimentos, sem que haja a “castração da curiosidade” (Freire, 1985, p. 67) do estudante. Os autores Paulo Freire e Antonio Faundez no dialogo nos remete a fazer a reflexão sobre a pergunta como metodologia de ensino de Filosofia através das etapas de investigação, tematização e problematização.

Nessa perspectiva ele afirma “que parecia ser uma revolução menina. Não porque recém-chegada, mas pelas provas que estava dando de sua curiosidade, de sua inquietação, de seu gosto de perguntar, por não temer sonhar, por querer crescer, criar, transformar” (Freire, 1985, p. 235). Valorizar a pergunta como possibilidade metodologica em sala de aula, problematizando as massas como ato de resistência contra o sistema de ensino bancário e opressor.

Entretanto, meus caros leitores, enquanto docentes, estaremos em constante busca pelo conhecimento que se transforma com o tempo e com o espaço, assim como os nossos estudantes partem da pergunta como e por que, criando as condições para que possamos realizar o movimento do pensamento, da reflexão e da ação.

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Pereira Lima. O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n, 64, p. 305-320, set./dez., 2004. Disponível em: Cad64_04CAP01.pmd (scielo.br). Acesso em: 25 jan. 2023.

CHAUÍ, Marilene, **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

FEITOSA, Sonia Couto Souza. **Método Paulo Freire**: Princípios e práticas de uma concepção popular de educação. (Dissertação em Filosofia da Educação), USP: São Paulo, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

JORGE, I. Simões. **A ideologia de Paulo Freire**. 2.ed, são Paulo. Loyola,(1981. Col. Paulo Freire,5)

KOHAN, W. O. Há (um) método Paulo Freire? **Debates em Educação, [S. l.]**, v. 13, n. Esp, 1–15, 2021. DOI: 10.28998/2175-6600.2021v13nEsp1-15. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/11994>. Acesso em: 21 jan. 2023.

OBIOLS G. **Uma introdução ao ensino da filosofia**. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2002.

RANCIÈRE Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação.3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SCHNORR, Giselle. **Inéditos variáveis: dialogicidade, interculturalidade e liberdade**. Revista do Neseef. v. 8 – n. 1 – jan./jul. 2019.